

O desafio de criar mudanças sistemáticas, sistêmicas e sustentáveis

» ABENJAMIN BELLEGY
Diretor Executivo da Wings, rede internacional de fomento à filantropia
» CAROLA MATARAZZO
Diretora executiva do Movimento Bem Maior

A solução de um problema passa, antes de tudo, por uma visão ampla do cenário global. Vivemos um período de transição, vamos superando os momentos de agravamento da pandemia e o auge da crise, mas ainda temos grandes desafios em busca de retomar as questões social, climática, sanitária e de confiança.

Devemos assumir a responsabilidade de reconhecer essa interseccionalidade dos problemas que abrangem os setores. Não podemos ignorar o contexto geral e deixar o foco isolado em alguns problemas específicos. O engajamento filantrópico não deve ser apenas caritativo ou técnico. A situação exige ter em mente que já vivíamos uma urgência no país, com dificuldades estruturais e desigualdade social inigualável. A pandemia levou a uma emergência sem precedentes.

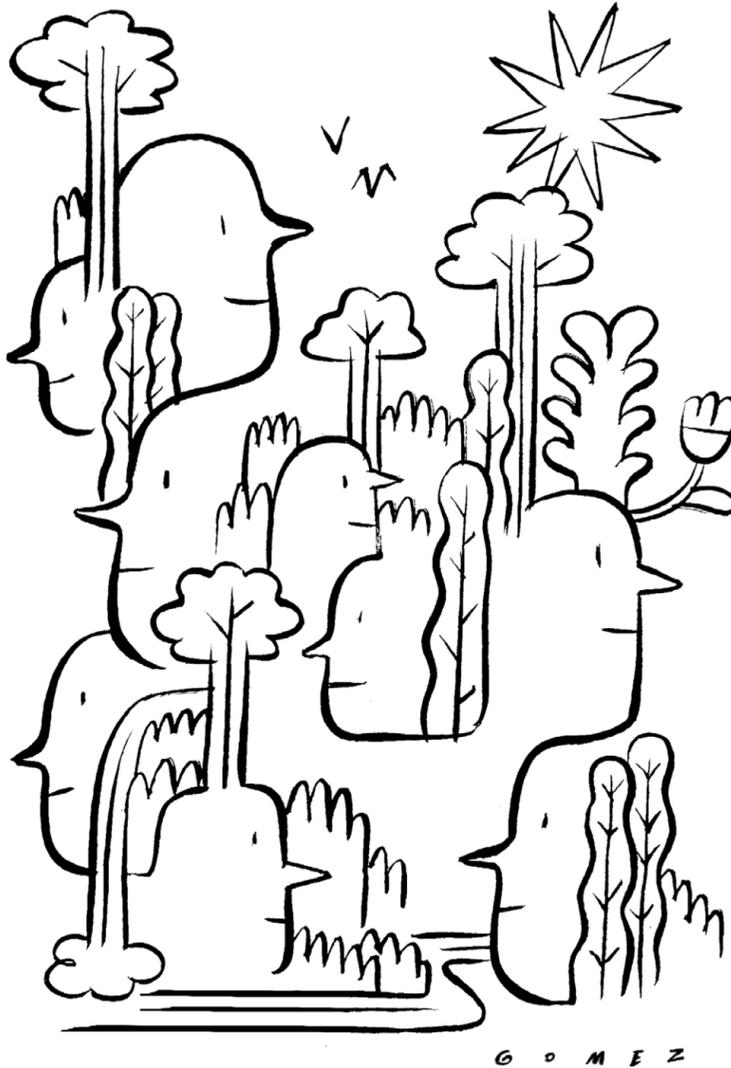
Nesse contexto, rever o papel da filantropia para ampliar seu alcance é o nosso grande desafio, possibilitando criar mudanças sistemáticas, sistêmicas e sustentáveis. O processo inclui uma análise dos poderes que temos como atantes no setor e como usá-los, além de iniciativas que gerem resultados efetivos, com novas soluções, metodologias e ferramentas.

Para as transformações sistêmicas, devemos mudar a forma de atuar, trabalhando mais em colaboração, além de adotar métodos como advocacy e pesquisa. Como atores filantrópicos, vamos priorizar a consistência e a coerência, com transparência, distribuição de poder, governança de recursos e análise dos efeitos socioambientais para avaliar o resultado social promovido. Essas abordagens são fundamentais para fazer da filantropia um motor da transformação maior que não se limite às resoluções pontuais, mas com uma visão do ecossistema como um todo.

O Brasil é rico em inovações na área, com plataformas de doação on-line, empreendedores sociais jovens que trazem novas ideias, iniciativas que possibilitam trabalhar com o que temos no país, além de agregar exemplos que ocorrem pelo mundo. Os atuais formatos filantrópicos internacionais predominantes são o americano e o anglo-saxão, o que nos leva a replicar ações desses modelos.

Utilizar bons exemplos é fundamental, entretanto, cada vez mais é necessário construir alternativas adaptadas à cultura local, com articulação e conexões nacionais e internacionais, público e privado. Essa demanda fez-se ainda mais urgente com a covid-19, que demonstrou como todos os problemas locais são globais e nos levará a buscar o equilíbrio entre esses dois polos. Por isso, a colaboração concreta envolve construir vocabulários e objetivos comuns para utilizar experiências internacionais e, ao mesmo tempo, replicar e escalar modelos locais.

Para que essas medidas funcionem, é essencial, antes de mais nada, uma evolução no modo de fazer filantropia, a começar enfrentando o medo dos riscos e aceitando que os fracassos também poderão ajudar. Faz parte do risco também buscar parcerias novas.



Há muitos fatores em pauta para fortalecer a filantropia e possibilitar que se ultrapasse a mensuração restrita ao aumento das doações e possibilite avaliar também o impacto provocado no território, no município, no estado e até no país, promovendo uma transformação social de médio e longo prazos.

Com essa atitude, chegaremos ao novo modelo que buscamos, desenvolvido em uma sociedade civil atenta e alerta aos problemas sociais. Essa reformulação passa por nova construção cultural. Não conquistaremos o resultado sem uma transformação profunda da sociedade.

Vamos fortalecer uma filantropia de consensos, de agenda compartilhada para uma atuação coordenada, norteada para o bem

comum. Uma ferramenta inclusiva que possibilite, com investimento social, desenvolver uma comunidade menos desigual, onde se combata a fome neste momento de crise e se possa olhar para os problemas estruturais futuros, que ficarão ainda maiores no pós-pandemia.

A filantropia brasileira precisa investir mais na estruturação do ecossistema para garantir bases que possibilitem escalar o impacto coletivo. Cabe à sociedade civil organizada apoiar a construção de modelos econômicos e de sociedade que permitam criar um ambiente propício ao desenvolvimento social coletivo. Nossa missão é pensar um Brasil melhor, mais inclusivo, onde a filantropia possa ser parte integrante da construção do país.

Striptease da liturgia

» OTÁVIO SANTANA DO RÉGO BARROS
General de Divisão da Reserva

"Aperthem os cintos... o piloto sumiu." O avião no qual estamos embarcados enfrenta tormentas. São constantes as apreensões sobre o futuro das nossas famílias, amigos, sociedade. Nada há nada de engraçado no que vivemos. As boas expectativas são frustradas a cada discurso ou ação de lideranças.

Os problemas têm como raiz o conflito indesejado de Poderes, mascarado em pomposas palavras que asseveram convivermos com instituições maduras e conscientes de suas missões. Respira-se a sensação de que existe uma ambição, de cada Poder, em operar como engrenagem principal da máquina do Estado.

Désolé, Montesquieu! Seus fundamentos iluministas, apresentados em *O espírito das leis*, agora são obras de um museu pouco visitado. O equilíbrio dos Poderes se perdeu em nosso país. A incapacidade da sociedade em avaliar o ambiente institucional — são muitas as razões — foi potencializada por influências exógenas. Entretanto, a população não necessita ser letrada para detectar posturas pouco alinhadas com o senso comum do que é certo.

A Justiça libera delinquentes sob alegação técnica de que o processo percorreu caminhos inadequados e, portanto, deve voltar ao ponto inicial. E as confissões? E a materialidade? E as penas cumpridas? "A justiça não deve ser apenas feita, deve ser vista" (Hanna

Arendt). Eu acrescentaria: e compreendida.

Próceres do Executivo, ao abandonarem o discurso que os elegeram, encontram-se desidratados em suas prerrogativas de poder e temerosos de retaliações legais ou eleitorais por ações destruidoras da boa governança. O striptease a que se submetem, atirando na vala de indigentes as vestes da liturgia dos cargos, os transforma em galhofa para adversários e para boa parte da população. Justamente a que se sente enganada em sua confiança cidadã.

Já os parlamentares, manobrando despidoradamente com votações não respaldadas pelos representados, certificadas em avançadas madrugadas, lutam pela manutenção e conquista egoísta de sinecuras. Descobriram que a máquina de fazer dinheiro está sem senha, e basta pressionar o enter para que ela produza mais e mais moedas para abastecer os currais eleitorais.

Valho-me do historiador Oliveira Lima, na obra *O império brasileiro* (Avis Rara, 2021), para descrever características que parecem não evoluir nos legisladores da Terra de Santa Cruz.

Dizia o professor: "Em certas democracias acontecem, por vezes, notar-se ausência de partidos políticos. O detentor do poder, exercendo suas funções temporariamente, [...] galga a posição com a ajuda dos esforços de um grupo ou das intrigas de uma facção.

Uma vez instalado e dispendo dos favores

e graças do Estado, a unanimidade tende a formar-se ao redor dele a ponto de um único partido subsistir, o partido governamental. Se debilita, se fragmenta e se dispersa quando está por expirar o mandato do eleito [...], reconstituindo o agrupamento no dia imediato para se pôr ao serviço do novo chefe de estado eleito ordeira ou violentamente".

Naquela época e agora, os partidos cessaram de ser portadores de opiniões e aspirações (ou nunca o foram). Tornaram-se agrupamentos para exploração de vantagens. O momento é de tensões preocupantes. Estaremos diante de eleições cercadas por uma crise política, econômica e social das mais severas. Uma polarização se configura, ainda que cedo para consolidar-se. Há opções.

É hora de mudar, para todos. Uma chance se apresenta aos parlamentares tão criticados e pessimamente avaliados pela sociedade. Eles não podem ignorá-la. Devem manter-se dentro dos limites éticos, legais e, principalmente, morais. Abraçando essa postura, tornar-se-ão a defesa mais eficaz dos direitos do cidadão e o maior obstáculo à aparição de "tirânias", não importa o nome.

Que se lhes imponha, como propósito, apenas o bem servir. Pela renovação, a sociedade os acolherá. Do contrário, restará ainda mais desprezo dos eleitores diante da irrelevância como homens públicos. E o ostracismo merecido.

Paz e bem! Feliz Natal!

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Pesadelo anunciado

"João amava Teresa/ que amava Raimundo/ que amava Maria/ que amava Joaquim/ que amava Lili/ que não amava ninguém." Transportando o texto de Carlos Drummond de Andrade para a vida árdua e sem poesia da política nacional, num exercício de paráfrase teríamos mais ou menos a seguinte sentença: Lula elegeu Bolsonaro, que elegeu Lula, que elegeu os militares, que não mais elegeram ninguém.

Tal é o que parece estar se desenhando no horizonte do país, com as eleições de 2022, para desespero dos brasileiros de bem. Não há poesia possível, capaz de trazer um naco sequer de luz quando o que está em cena é o breu da política nacional e, principalmente, de seus protagonistas. O resultado da radicalização e do nonsense que tomaram conta da política em nosso país desde o final do século passado sinaliza que o final dessa história irá nos conduzir de volta ao beco sem saída da irracionalidade.

Um beco escuro que já conhecemos no passado e para o qual fomos empurrados à força por obra e graça do comportamento arrivista da nossa classe política. O consenso como saída para essa e outras crises não existe por conta, também, do egoísmo que faz com que nossas lideranças políticas sejam incapazes de tirar os olhos do próprio umbigo.

A fórmula do quanto pior, melhor para o adversário é sempre construída com o sacrifício dos cidadãos e do país. A população, que a tudo assiste entre atônita, passiva e temerosa, não tem a quem recorrer. Nem Congresso, nem tribunal algum pode socorrer ou sequer demonstra interesse em acudir o gado marcado a caminho do frigorífico.

A população lúcida espera pelo pior, como quem espera por seu algoz. De algum lado dessa estrada bifurcada, como o chifre de um bode, ele virá. Na verdade, como no poema de Carlos Drummond de Andrade, *Quadrilha*, nenhum dos personagens que hoje se apresentam para, mais uma vez, pedir a mão da nação em casamento rumo para esse matrimônio levado pelas asas do cupido ou por quaisquer outros nobres sentimentos.

Buscam essa celebração não como quem busca a harmonia e o bem de alguém ou de algo. Estão a caminho do altar da eleição, movidos apenas por propósitos cegos que nem a Deus confessam. As alternativas a essa espera do Godot nefasto são escassas e podendo acontecer, caso tudo isso não passe de um sonho turbulento numa noite de febre alta. A alternativa, então, viria com o despertar uníssono dos eleitores, pondo um fim ao pesadelo anunciado.

» A frase que foi pronunciada

"Todas as vezes que venho a Brasília tenho essa impressão. Parece que essa cidade fica mais perto do céu."

Nívea Melina Madureira Yamim

Encrenca

» Começam as mobilizações por reajuste salarial. Não é para menos. No supermercado, o aumento de preço foi desproporcional nos últimos três meses. A gasolina, nos últimos seis meses, dobrou o valor. O fato de estarmos em ano de eleições não fez os preços baixarem, o que seria muito melhor que aumento salarial.

Reconhecimento

» Ao postar uma foto nas mídias sociais de quando governava Fernando de Noronha, Fernando Cesar Mesquita pôde ver como é querido. Sua competência, educação e jeito de administrar falando a verdade cativou muitos por onde passou.

Alquimia

» Quem busca na internet o debate entre Geraldo Alckmin e Lula não acredita que possam trabalhar juntos. Aquele Geraldinho de Pindamonhangaba não é mais o mesmo. Ou era um alguém vestido de outro.

Palha

» Não dá para compreender como um restaurante recebe autorização para funcionar tendo palha no ambiente. Não é o primeiro que incendeia nessas condições. Ninguém foi ferido. O que parece ser mais uma oportunidade para evitar novas tragédias. A inspeção na Casa Maaya falhou.

Obrigada, dona Weslian

» Nem todo mundo sabe, mas foi a figura ingênua e simples da dona Weslian Roriz que deu início à entrada de mulheres no Corpo de Bombeiros. Ao participar de uma solenidade, quis saber de Joaquim onde estavam as mulheres. No concurso seguinte, já estava admitida a força feminina na corporação.

Martírio

» Uma viagem de ônibus entre Juiz de Fora e Brasília dura mais de 15 horas. O ônibus para em vários lugares na estrada, inclusive de madrugada, o que deixa os passageiros apavorados. Quando teremos um governo que empenhará os impostos em trens para percorrer esse pau com segurança e baixo preço?

» História de Brasília

As escolas do Plano Piloto serão mesmo cercadas de arame. Cai por terra o plano de cerc-las de jardins, mas o povo é mal educado demais, e não encontrando cêrca, invade os prédios para danificá-los e roubar. (Publicada em 16/02/1962)